

A cidade sob controle: subjetividade e tecnologias do virtual

Jorge Vasconcellos*

RESUMO

Partindo do filme do cineasta alemão Wim Wenders, *O fim da violência*, este artigo procura problematizar o nascimento de novas formas de controle societário, analisando suas implicações, como a produção de novas subjetividades. Essas formas de controle são intensificadas pela utilização das hodiernas tecnologias do virtual, tão importantes para o desenvolvimento do capitalismo pós-industrial.

Palavras-chave: subjetividade; controle; tecnologia.

SUMMARY

From the point of view of The end of Violence, a film by the movie maker Wim Wenders, this article considers the problem of the birth of new forms of social control, evaluating its impacts such as the production of a new subjectivity. These forms of control are strengthened by the use of the up-to-date virtual technologies, which are so important for the development of the post-industrial capitalism.

Keywords: subjectivity; control; technology.

RESUMEN

A partir de la película El fin de la violencia del cineasta alemán Wim Wenders, este artículo busca plantear el nacimiento de nuevas formas de control de la sociedad y analiza sus implicaciones, como la producción de nuevas subjetividades. Esas formas de control son intensificadas por la utilización de las hodiernas tecnologías del virtual, tan importantes para el desarrollo del capitalismo postindustrial.

Palabras-clave: subjetividad; control; tecnología.

Um homem sentado à beira da piscina de sua casa cercado por dois celulares, modem, tela de cristal líquido e outros pequenos e poderosos acessórios tecnológicos de última geração, fechando negócios e orientando sua assistente. Este homem é um mega produtor hollywoodiano, especialista em filmes ultraviolentos e pornográficos. Seu trabalho transcorre sem que ele se desloque de sua exuberante mansão em Beverly Hills.

Assim se inicia o último filme de Wim Wenders, *The End of Violence*, traduzido literalmente no Brasil por *O fim da violência*. No filme, o ator Bill Pullman, apesar de trabalhar em casa, está em crise em seu casamento, pois parece passar todo o seu tempo em frente a seu *laptop*, fechando contratos para o seu próximo filme. Sua mulher, insatisfeita e aparentemente entediada, vislumbra-o do alto de seu quarto, a alguns metros acima do quintal de sua casa, pega o telefone (sem fio) e liga para um dos celulares do produtor para anunciar que irá deixá-lo. Todavia nosso herói tem pouco “tempo” disponível para trocar com sua mulher, já que um possível parceiro japonês para os seus filmes está em outra linha e este negócio pode lhe render muitos milhões de dólares. Corta.

Temos, então, a imagem do observatório de L.A. (Los Angeles) em que nos é apresentado um personagem solitário e um tanto enigmático interpretado por Gabriel Byrne. Seu ofício é observar inúmeras esquinas da cidade. Contudo, esta vigilância não é feita através de uma presença real. O personagem trabalha em uma das salas do observatório onde diversos monitores acompanham os acontecimentos em diferentes pontos da cidade: uma jovem em seu quarto, que chora o abandono do namorado; um rapaz negro, que parece um traficante de drogas espreitando um provável usuário; uma batida policial, que age com enorme vigor e violência contra jovens hispânicos. Ele é um observador no observatório que, com seus olhos multiplicados por um sem número de telas, ampliou de maneira multitudinária a capacidade de vigiar e controlar indivíduos anônimos do centro de uma megacidade.

Wenders não criou uma parábola ou, menos ainda, uma metáfora de uma sociedade opressiva a perseguir seus cidadãos. O observador no observatório que, por uma de suas telas, testemunharia o seqüestro e a

provável execução do produtor cinematográfico em um terreno baldio, sob uma enorme malha viária, nos dá um exemplo emblemático de uma mudança no modo de vida e nos processos de subjetivação em nossa sociedade contemporânea.

Estamos a ver neste filme a apresentação de um novo modelo de sociedade. Este modelo configuraria formas diferenciadas de controle dos indivíduos: mais importante do que saber quem se é, é saber o que este que é pode fazer. Como se todos fossem delinquentes ou sabotadores em potencial, mesmo que sua possível “inofensibilidade” os redima do controle.

Estas novas facetas com que se constitui a sociedade contemporânea são estratégias de controle sobre as práticas dos indivíduos. O controle está na base da última metamorfose do capital.¹ No entanto, para que me faça entender preciso falar de um momento histórico peculiar e fundamental que antecedeu a construção de uma sociedade de controle: a passagem das sociedades disciplinares constituídas no bojo das práticas normativas engendradas principalmente na Europa dos séculos XVIII e XIX.

É possível identificar nas sociedades que se ergueram na passagem da Era Clássica para a Modernidade, segundo a leitura de Michel Foucault, a prática do *confinamento* como sua principal característica.² As instituições modernas que se edificaram em consequência dos desdobramentos das Revoluções Francesa e Industrial teriam na disciplina do corpo um de seus elementos fundamentais.

A família, a escola, o quartel e a fábrica seriam mais do que aparelhos a reproduzir ideologicamente o Estado liberal burguês, ou seja, centros de confinamento a moldar um corpo, a disciplinar um indivíduo, a cunhar uma subjetividade. O início do século XX, o fordismo e o crescimento urbano apresentam uma sociedade disciplinar em pleno funcionamento, na qual a fábrica seria o principal modelo: a forma-fábrica. Nela o indivíduo trabalha, mora em suas proximidades, seu filho estuda nos arredores e, até seu lazer acontece nas imediações de seu local de labor. A fábrica funciona como uma espécie de cidadela medieval em que Deus foi substituído pelo Capital e a produção de mercadorias substituiu a irrigação das benfeitorias, assim como o salário tornou-se bem mais fundamental que o sudário (divino). Este modelo disciplinar parece estar se perdendo completamente e, em seu lugar, nasce um novo modelo de regularidades das práticas sociais.

Depois da Segunda Grande Guerra, a forma-fábrica, como modelo emblemático das sociedades disciplinares, começa a ser substituída por um novo modelo: a forma-empresa. O confinamento e os dispositivos disciplinares que caracterizavam até então a Sociedade Moderna já dão sinais de escassez. O modelo da empresa com sua *flexibilidade*, ocupa o espaço que foi o da *fixidez* da fábrica. É

importante ressaltar que estas mudanças ocorrem em todo o globo; contudo, elas não se dão como num passe de mágica simultâneo em todas as localidades da Terra. Esta visível substituição de um modelo disciplinar que teria caracterizado a sociedade industrial moderna por um novo modelo, que é chamado de pós-industrial, ou mesmo pós-moderno, se dá de maneira diferenciada no sistema globalizado. É marcante que as sociedades que mais empreenderam esta substituição ocupem um lugar de dominação político-econômica em relação àquelas que ainda não a fizeram ou estão por fazê-la.

A idéia de *controle* a nortear uma leitura das sociedades contemporâneas nos coloca imediatamente na urgência de pensar a eclosão destas novas formas de poder e dominação engendradas por esta última metamorfose do capital. Agora um capital completamente integrador e não mais excludente como aquele das sociedades industriais que o precederam. Um *capitalismo mundial integrado*.³

Se nas sociedades disciplinares o modelo *panóptico*⁴ é dominante, ou seja, o observador está de corpo presente e em tempo real a nos observar e a nos vigiar, nas sociedades de controle, esta vigilância torna-se rarefeita e virtual. As sociedades disciplinares são essencialmente arquiteturas: a casa da família, o prédio da escola, o edifício do quartel, o galpão da fábrica. Por sua vez, as sociedades de controle apontam uma espécie de anti-arquitetura. A ausência da casa, do prédio, do edifício e do galpão é fruto de um processo de virtualização do mundo. A casa pode ser substituída pelo micro em seu carro (um *trailer* moradia), a escola por um telecurso ou teleconferência, o quartel com seus soldados disciplinados por mísseis teleguiados e no galpão da fábrica, que não é mais necessário para as peripécias do mercado, o operário é substituído pelo funcionário. É possível afirmar que a passagem das sociedades disciplinares ou da sociedade industrial para as sociedades de controle pós-industriais tem como elemento fundamental a produção de novas tecnologias do virtual.⁵

A tecnologia sempre andou par e passo aos processos sociais. As máquinas e seus desdobramentos constituem importantes índices para definirmos as mudanças nestes processos societários. As máquinas naturais e seus meios de transporte equivalentes, como o cavalo, das sociedades de soberania (Foucault) foram substituídas pelas máquinas energéticas e elétricas das sociedades disciplinares, assim como o carro sucedeu o cavalo. Por sua vez, as máquinas energéticas e elétricas cederam lugar às máquinas informacionais das sociedades de controle e o transporte tornou-se extremamente mais veloz que o já hoje lento carro e o extremamente lento cavalo (o avião a hidrogênio está aí para nos provar sua eficácia). Dito de outra maneira, não há como não relacionar

desenvolvimento tecnológico e processos de mudança social. Deve-se levar em conta inclusive que estas mudanças não só acarretam modificações nas superestruturas ideológicas e nas infra-estruturas econômicas - nível molar -, como também nas práticas dos pequenos grupos sociais e na produção dos agenciamentos coletivos e individuais - nível molecular.⁶ O desenvolvimento e as novas tecnologias estão sempre produzindo modos de vida e cunhando subjetividades.

Com isto é possível termos uma nova visão do que seja o poder, pois se afirmo que há uma clara relação entre o macro-societário e o micro-societário no que concerne à invenção de novas tecnologias, digo que precisamos olhar o poder e as formas de dominação para além da clássica relação entre Estado e Sociedade Civil, poder estabelecido e poder instituído, Cidade e Cidadão. O exercício do poder e de suas práticas possui mecanismos muito mais sutis do que aqueles que, acionados pela repressão da força policial, possam ser exercido sobre o corpo de um indivíduo. As pesquisas de Michel Foucault já apontam para esta direção, assim como os livros de Gilles Deleuze e Félix Guattari. O poder não é apenas repressivo e negativo, ele possui uma instância de positividade: o poder cunha subjetividades. Assim, deixamos de estar confinados, como nas sociedades disciplinares, e passamos a estar endividados como nas sociedades de controle: o confinamento e a dívida se estabelecem para além dos simples efeitos de políticas estatais. Eles, tanto o confinamento como a dívida, são produtos de um conjunto de regularidades que engendram práticas e exercícios moleculares do poder. Afetam grupos, grupelhos e grupúsculos.⁷

Voltando a Wenders. Aquele observador a espreitar inúmeros lugares da cidade pelos prolongamentos de seus olhos - uma espécie de olho-tela - parece, decididamente, um exemplo pertinente da substituição do modelo panóptico disciplinar pelo modelo das sociedades informacionais de controle. Ele vê sem ser visto (panóptico) e controla indivíduos que se vêem livres (controle). A tecnologia aqui é utilizada como dispositivo de poder. O projeto é financiado pelo FBI - a agência de informações do governo norte-americano - que investiu muitos milhões de dólares em tecnologia telemática para dar fim à violência. Um projeto ultra secreto. A cidade é Los Angeles (L.A.). *A cidade dos anjos. Anjos da velocidade*, pois L.A. é conhecida como cidade do automóvel: ninguém anda a pé. O espaço público é a tela do pára-brisa dos carros, seus celulares e seus *laptops*.

Mas Wim Wenders, como Gilles Deleuze e Félix Guattari, Michel Foucault e Paul Virilio, que me inspiraram a escrever estas páginas, não são catastrofistas como à primeira vista poderia parecer. No filme, o então pro-

ductor não morre no seqüestro que lhe foi impingido e é encontrado próximo à sua casa por um grupo de jardineiros de origem hispânica que lhe socorrem. Lá ele encontra uma guarida, fala-se outra língua (o espanhol). Esta é uma língua menor no estado americano da Califórnia, habitado pelas minorias chamadas de "chicanos". E ali, junto a uma minoria, o produtor entenderia o sentido da violência e reverteria sua própria imagem, tornando-se um jardineiro. Entretanto, ele ainda precisa dos utensílios tecnológicos para entender o porquê de seu seqüestro (que somente compreenderemos ao final do filme). A tecnologia aqui foi apropriada como uma linha de fuga por alguém *híbrido* que, pertencendo à classe dominante de um grande centro urbano, morador de uma megacidade, se torna aliado de uma minoria, falando uma língua menor.

Utilizei aqui, com uma certa liberdade, conceitos filosóficos para falar de uma obra cinematográfica. Não obstante, o filme em questão nos coloca de imediato um grande número de indagações que, se não são propriamente filosóficas, nos incitam a pensá-las como problemas de cunho filosófico. Este filme de Wenders, assim como todo o seu cinema, é um esforço de pensar as sociedades contemporâneas, talvez, no que elas tenham de mais inquietante: o florescimento de uma nova subjetividade nas fissuras criadas pelos deslocamentos humanos nas grandes cidades. Dito de outra maneira, o cinema de Wim Wenders se pergunta que modo de vida é este que surge em uma época em que o homem rompe com os modelos de verdade característicos do século XX em seu início, como a permanência, a casa, o convívio entre os iguais e uma certa solidariedade social. Estaríamos diante de um vagar, dos deslocamentos pertinentes às megacidades, do atravessar os territórios, do sentir-se estrangeiro em qualquer parte, da solidão mesmo na presença de outrem?

Desde o seu primeiro filme - *Verão na cidade* - algumas preocupações que iriam ser desenvolvidas ao longo de toda a obra wenderiana já se apresentam. O tempo é lento, apesar dos constantes deslocamentos que caracterizam seus personagens, sempre prontos a pegar um veículo e ir... O fascínio de Wenders pelos deslocamentos, pelo vagar, pela observação de paisagens desconhecidas nos faz lançar uma hipótese do seu fascínio por um certo cinema norte-americano, apartado dos grandes estúdios hollywoodianos, e pelas inóspitas paisagens semi-áridas dos desertos do país. Com isso, torna-se possível dizer que os americanos foram os criadores dos chamados *road-movies*, ou filmes de viagens. A própria mitologia americana é composta por esses deslocamentos. Deslocar-se por entre as paisagens do deserto para desencadear o processo civilizatório. Os americanos como uma espécie de novos cruzados. O cavalo, a cruz e a espada, sendo substituídos

em parte pelo trem, pelo dólar e pelo revólver. Wenders produziu uma poderosa releitura destes índices do imaginário dos EUA, que é uma das construções simbólicas mais importantes do século XIX, captadas para o cinema das grandes imagens narrativas de um Ford ou de um Hawks. Este encontro de Wenders com o cinema norte-americano e o fascínio daí decorrente pelo seu imaginário se iniciam já em um de seus primeiros filmes - *Alice nas Cidades* - retornando em *O Amigo Americano* e no filme sobre Nicholas Ray - *O filme de Nick*, para realizar logo depois *Hammett*, *O Falcão Maltês* e, finalmente, *Paris-Texas*. Em todos esses filmes, deslocar-se no espaço, fazer passar o tempo são uma tônica presente, assim como o encontro entre o que seria propriamente europeu - a meditação, a solidão e uma certa incomunicabilidade para com o outro - e a aventura e o contar uma história do cinema americano. Na verdade, nestes filmes o que Wenders parece colocar é o encontro de duas culturas opostas a se completarem pelo encanto desta oposição mesma. Os americanos e os alemães, vitoriosos e derrotados na Segunda Grande Guerra. O encontro do tema do exílio com a premência da aventura: o *road-movie* wenderiano.

Notas

¹ Quando nos reportamos à expressão “última metamorfose do capital”, tentamos acompanhar uma leitura transversal das modificações impetradas no seio das sociedades humanas no pós-guerra e reafirmada após o chamado *Consenso de Washington*, nos idos da passagem dos anos sessenta para os setenta. Estas modificações culminam hoje com a ascendência de um único império após a derrocada do aparelho burocrático soviético: o Império Americano. Poderíamos chamar este novo estado de coisas, que se configura como a mais nova forma de imperialismo e controle hegemônico, de “Sociedade Imperial de Controle”. A última metamorfose do capital não engendra uma nova revolução industrial, mas com fim próximo do processo de industrialização como horizonte dos processos capitalísticos. Sobre a idéia de “Sociedade Imperial de Controle”, ver: HARDT, Michael. “O Hibridismo do Império”. In: *Lugar Comum. Estudos de mídia, cultura e democracia*. Núcleo de estudos e Projetos em Comunicação da Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, n.1, março/1997.

² Michel Foucault, em suas pesquisas sobre os processos de subjetivação na Sociedade Moderna destaca a importância que possui a idéia de *confinamento* para entendermos os desdobramentos que incidiriam na passagem das Sociedades de Soberania para as Sociedades Disciplinares. Foucault investigou os dispositivos que incidiram nessas sociedades. Para melhor aprofundamento, ver: FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*, traduzido e organizado por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

³ Devemos esta expressão a Félix Guattari em suas análises sobre as transformações nos processos de subjetivação das sociedades capitalísticas. Ver: GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. E também o seu livro em colaboração com a psicanalista ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁴ O modelo *panóptico* foi desenvolvido no início do Século XIX pelo arquiteto americano Jeremy Bentham. Ele consiste em um aparato arquitetônico que, segundo Michel Foucault, constitui-se como um poderoso dispositivo disciplinar: “O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre, vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar... O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permite ver sem parar e reconhecer imediatamente.” FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir. Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.177. Neste livro, Foucault demonstra como se constituiu um modelo de exclusão e disciplinarização do corpo a partir do nascimento das prisões modernas, onde leprosos, mendigos, vagabundos e condenados foram transformados em presidiários. Penalizar o corpo, vigiar o indivíduo são composições modernas: vigiar e punir.

⁵ As teses do filósofo, urbanista e pensador libertário francês Paul VIRILIO, especialmente em seus livros: *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; e *A máquina de Visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, são extremamente ricas para compreender as novas tecnologias do virtual.

⁶ Cf. GUATTARI, F. Op.cit.

⁷ Cf. DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle”. In: *Conversações (1972-1990)*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

* Jorge Vasconcellos é Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UERJ, Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia do IFCS/UFRJ e Professor de Filosofia.